

# Editorial

Sempre que abrimos uma nova chamada para contribuições à nossa revista, deparamos com um recorrente dilema: como priorizar escopos tão diversos, seja sob o ponto de vista epistemológico, seja sob o caráter teórico, especulativo, crítico ou gerencial ligados à comunicação? Tal entrecruzamento de ângulos que alinhava metodologicamente as temáticas presentes abarca desde a sociedade de consumo e a cultura midiática e seus modos discursivos até os dispositivos da internet como operadores da enunciação midiática, e esta, por sua vez, como experiência social. Habitam nesta edição artigos que também versam sobre as modalidades do acontecimento jornalístico e acerca do planejamento comunicacional no mundo corporativo contemporâneo. Apesar da especificidade de cada mídia em questão (imprensa, televisão, audiovisual, telemática), muitos trabalhos se detêm na problematização dos processos estratégicos da cultura midiática, tanto de subjetivação quanto de socialização. Isso vale para os trabalhos que também se voltam para olhares teóricos transversais sobre a linguagem e a experimentação estética no cinema, no vídeo, na literatura e na música. A diversidade dos aportes temáticos e teóricos, portanto, convive nesta edição à guisa de uma coincidência salutar para a sabida multiplicidade implícita nos territórios limítrofes e cambiantes da comunicação.

O artigo *Planejamento da comunicação organizacional: a multimídia na gestão da comunicação interna*, de Milena Albuquerque e Douglas Junio Fernandes Assumpção, traz uma reflexão sobre o planejamento comunicacional diante dos novos processos tecnológicos e corporativos globais. Os autores defendem o papel inovador das ferramentas multimidiáticas aplicadas à comunicação interna empresarial, partindo de um estudo de campo com uma metodologia exploratória quantitativa. No texto, são discutidas as potencialidades e as limitações dos usos das tecnologias de informação e comunicação no planejamento estratégico organizacional.

No texto *Comunicação comparada: um estudo sobre a enchente Rio de Janeiro (2010)*, com base na análise das revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*, João Carissimi faz um estudo exploratório comparativo de natureza qualitativa e quantitativa, tendo como *corpus* empírico as capas dessas revistas

e suas respectivas matérias sobre a tragédia das enchentes ocorridas no Rio de Janeiro, em abril de 2010. A análise permitiu, segundo o autor, a detecção de inferências in[possíveis] no que diz respeito aos discursos das mídias, o que permite verificar uma disputa de sentidos mediada pela imprensa na relação com cidadão, autoridades e especialistas.

Marcus Guilherme Pinto de Faria Valadares, em *Vídeos confessionais do YouTube: análise de um dispositivo*, vale-se do exercício conceitual de Gilles Deleuze para problematizar a experiência com o referido *site*, cuja configuração remete a um espaço em constante desterritorialização. Os quatro operadores conceituais deleuzianos empregados para aferir como esses vídeos ganham materialidade e diferentes modulações são: “linhas de força”, “linhas de visibilidade”, “linhas de enunciação” e “linhas de subjetivação”. Essas premissas servirão como base para que o autor pense o *YouTube* como um dispositivo que surge historicamente para atender, dentre outras demandas, a prática da confissão. Por isso, o *site* torna-se um operador de poder, de governo e também de subjetivação.

No artigo *Midiatização do futebol e as comunidades virtuais: reflexões sobre processos midiáticos a partir da análise sobre a derrota do Internacional pelo Mazembe*, Arnaldo Oliveira Souza Júnior discute processos midiáticos, especificamente a midiatização do futebol. A discussão do conceito de midiatização como prática social, desenvolvido por Fausto Neto, é efetuada sob a perspectiva do processo de circulação da informação no *blog* de Paulo Vinícius Coelho (PVC), no portal *Espn*, contextualizada empiricamente no jogo entre Internacional e Mazembe. O autor defende, ao analisar esse evento, que a midiatização produz novas processualidades, práticas sociais, ambiências, formas lógicas de comunicação, linguagens em que os sujeitos (receptores) são coprodutores da enunciação midiática.

Achylles de Oliveira Costa Junior, em *Se beber não case! E se fumar (Cannabis), pode casar?: análise de um acontecimento midiático*, levanta certas tipologias do acontecimento jornalístico e de estratégias de midiatização dos sujeitos sociais ao abordar um episódio que repercutiu mundialmente em matérias publicadas em *sites* da internet: o ator Zach Galifianakis fuma um cigarro de maconha ao vivo durante o programa “Real Time”, que discutia sobre a legalização da *Cannabis sativa*.

Os autores Rodrigo Bomfim Oliveira, Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque, no trabalho *Hibridismo das linguagens audiovisuais: observações sobre o cinema e o vídeo em interface com as culturas contemporâneas*, defendem que o vídeo não se confinou em sua utilização como mero veículo cinematográfico. A videoarte instituiu-se, em sua história,

como uma modalidade singularizada que emerge na cultura contemporânea na de forma notadamente híbrida: sons e imagens engendram ideias expressivas que demandam, por seu turno, olhares teóricos transversais. Nesse contexto, o autor investe na discussão sobre o caráter experimental das mídias audiovisuais e suas reverberações na experiência da contemporaneidade.

Na sequência da discussão sobre a arte cinematográfica, em artigo de minha autoria, *Sonoridades do cinema: Tarkovsky e a heterocronia da escuta*, problematizo a simbiose entre a composição musical e o *design* sonoro na produção da trilha sonora no cinema. O objetivo é fazer uma apreciação do filme *Stalker*, de Tarkovsky, assentada no conceito bergsoniano de *endosse* (o complexo de durações heterogêneas pelo qual se produz a nossa experiência) para pensar a arte cinematográfica não apenas como uma simples combinação de materiais (enredo, imagem, personagens, sons, efeitos etc.), mas como um agenciamento de durações, uma composição de tempos: a *heterocronia* (na escuta, este conceito ganha o nome de *sonoridades*) de memórias e reminiscências, de experiências e experimentações, de afecções e sensações.

Tatiana Amendola Sanches estuda, em *Filosofia pop: o fenômeno da popularização da filosofia e suas relações com a cultura midiática*, um crescente fenômeno de popularização do discurso filosófico para um público leigo. A autora levanta algumas hipóteses sobre os modos como esse fato se relaciona com o contexto histórico chamado pós-modernidade e com a respectiva cultura midiática contemporânea.

No texto *Shopping centers: um espaço de lazer e socialização para o adolescente*, Patrícia Regina Wypych explora, pautada pelos escopos teóricos da indústria cultural, as relações que esses estabelecimentos têm com a sociedade de consumo atual e, principalmente, com a classe referenciada como “adolescente”.

Para encerrar nossa edição, Astréia Soares, articulista especialmente convidada, discute, em seu trabalho *Emergência de novas narrativas sonoras na música latino-americana*, a emergência de novas narrativas na música latino-americana, ao abordar a poética de três artistas – Jorge Drexler, Marina de La Riva e Kevin Johansen – músicos com trajetórias de vida multiculturais que extrapolam antigas fronteiras recortadas por limites geográficos e nacionalistas.

Antes de iniciarmos nossa leitura, assinalamos o mérito de nosso conselho editorial, do comitê executivo, dos nossos diretores, coordenadores, professores e funcionários. Nesta décima quarta edição, agradecemos especialmente à Dúnya Azevedo, por mais esta linda capa, e

à Priscila Reis, pela indexação da revista *Mediação* no Latindex, bem como a todos os colaboradores que trabalham em prol de uma cultura de pesquisa e de um *ethos* acadêmico que se aperfeiçoam gradativamente em nossa instituição. A esses amigos do saber, expressamos nossa gratidão pelo comprometimento e profissionalismo.

Boa leitura!

Prof. Rodrigo Fonseca e Rodrigues  
Editor